

# ALÉM DA RAZÃO E SENSIBILIDADE: UMA LEITURA DAS PROTAGONISTAS DE JANE AUSTEN

Maria Luiza Ribeiro Buzian<sup>1</sup>  
Carla Alexandra Ferreira<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo, temos como objetivo, analisar a figura das duas protagonistas do romance *Razão e Sensibilidade* (1811) escrito por Jane Austen, a partir da ótica da leitura dialética como proposta por Fredric Jameson (1992) e de questões de gênero como discutidas por Sandra Gilbert e Susan Gubar (2000). Assim, ao analisarmos o perfil de ambas as personagens contemplando a narrativa como ato simbólico será discutido de que modo a questão da mulher, sob o domínio do patriarcado, é figurada por essas personagens que, ao longo da narrativa, demonstram comportamentos extremos que vão sendo modificados no decorrer da história. O olhar crítico será lançado para além dessas “estratégias de contenção” (Jameson, 1992), figurando uma questão social premente, porém velada, sobre as mulheres do período da Regência, em uma Inglaterra em transição econômica e social.

**Palavras-chave:** Literatura inglesa, crítica dialética, crítica feminista, Jane Austen

## BEYOND SENSE AND SENSIBILITY: A READING OF JANE AUSTEN'S PROTAGONISTS

**Abstract:** This article aims to analyse the two protagonists of Jane Austen's novel *Reason and Sensibility* (1811) from the perspective of dialectical reading as proposed by Fredric Jameson (1992) and gender issues as discussed by Sandra Gilbert and Susan Gubar (2000). Therefore, by analysing the profile of both characters, considering the narrative as a symbolic act, we will discuss how the issue of women, under the domination of patriarchy, is represented by these characters who, throughout the narrative, demonstrate extreme behaviours that are modified over the course of the story. A more critical look will be cast beyond these “strategies of containment” (Jameson, 1992), highlighting a pressing but veiled social issue regarding women in the Regency period, in an England undergoing economic and social transition.

**Keywords:** English Literature, Dialectical Reading, Feminist Critics, Jane Austen

1 Mestranda em Letras, Universidade Federal de São Carlos. E-mail:

2 Professor Associado na UFSCar - Universidade Federal de São Carlos, na área de Língua Inglesa e suas Literaturas, no curso de Letras e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura - PPGLit - UFSCar.

## Introdução

É uma verdade universalmente conhecida de que Jane Austen é até hoje uma das escritoras mais conhecidas de todos os tempos, tendo sua obra sido perpetuada em inúmeros meios e vozes, estabelecendo um cânone consistente e atemporal. No entanto, se faz necessário um olhar mais diligente ao trabalho desta autora a fim de que não o seja limitado apenas como uma produção com propostas e temas superficiais, que não dialogam com a sociedade e suas mudanças. Logo, temos como objetivo neste artigo, interpretar no romance “Razão e Sensibilidade” (1811) a figura das duas protagonistas do romance, Elinor e Marianne Dashwood, a partir do olhar da crítica dialética com uma interpretação em níveis de leitura proposta por Fredric Jameson (1992) e de questões de gênero como discutidas por Sandra Gilbert e Susan Gubar (1979) com a proposta de discutir como as transições sociais vividas no período em que o romance foi publicado, a Inglaterra no período regencial e questões que dizem respeito ao patriarcado são configurados nas duas protagonistas.

No romance, o leitor é apresentado as duas irmãs de uma família de proprietários de terras do sul da Inglaterra, Elinor e Marianne Dashwood, aparentemente distintas entre si, sendo a irmã mais velha vista como mais responsável e contida, enquanto a outra como sendo considerada mais passional e romântica em todas as suas atitudes; o que indica certa dualidade entre as personalidades das irmãs que são trazidas pelo título da história. Entretanto, é perceptível que no decorrer da narrativa, ocorre uma certa mudança de comportamento entre essas personagens, à primeira vista tão opostas, a ponto de existir certo equilíbrio entre as duas, configurando uma contradição no texto, que merece investigação a partir da leitura dialética do texto.

Neste sentido, a proposta do presente artigo é a de se fazer uma análise, por meio da

leitura política, em que os elementos estéticos, a saber a caracterização das personagens Elinor e Marianne, sejam examinados à luz do social internalizado na obra, cujo suporte teórico repousa na leitura política proposta por Fredric Jameson (1992) e nos conceitos trazidos por Antonio Candido (1973; 1987; 1993) e Roberto Schwarz (1997; 1999) no que diz respeito ao diálogo entre literatura e sociedade, e para as questões de gênero, as discussões de Gilbert e Gubar (1979).

## As ressonâncias de Jane Austen

Jane Austen (1775-1817) foi uma escritora inglesa do período do final do século XVIII e início do século XIX, com uma produção de seis romances sendo dois publicados postumamente, além de uma quantidade de textos de sua juvenília, que traz características advindas de Richardson em sua minuciosa apresentação da vida cotidiana a partir de seus romances, segundo Ian Watt (1957):

(...) sua análise das personagens e de seus estados de espírito e as irônicas justaposições de situação são tão argutas quanto em Fielding, mas parecem provir não de um autor que interfere na narração, e sim de um augusto e impessoal espírito de compreensão social e psicológica (Watt, 1957, p.317).

Seu prestígio e reconhecimento percorreram décadas e até hoje é uma das autoras mais lidas em todo o mundo. Ao contextualizarmos a Inglaterra do período do século XIX, momento de produção dos romances de Austen, que segue ao do período da Regência, temos a consolidação do romance como um dos maiores fatores de mudança cultural no país, atrelada ao contexto histórico e social na Inglaterra. O gênero apresentou novos significados, agregando uma nova reflexão acerca dos valores nesse século e como a sociedade lidava com essas mudanças, gerando uma transformação no país (Vasconcelos, 2002).

Sobre a caracterização dos personagens Antonio Candido escreve: “personagem construído por um modelo real, conhecido pelo escritor, servindo como eixo ou ponto de partida.” (Candido, 2005, p. 71) e “personagem construído em torno de um modelo, mas que é apenas um pretexto inicial e que é explorado.” (Candido, 2005, p.72). Na primeira definição, vemos que Jane Austen tinha conhecimento da realidade vivida pela época, conseguindo trazer um modelo de personagem de acordo com ranking social da personagem e condizente com a realidade no qual o romance se inseria. Para a segunda definição, vemos que as irmãs Dashwood são construídas em torno de um modelo e no decorrer da narrativa, suas personalidades são exploradas, sendo alguns de seus traços modificados.

Percebemos que no romance moderno houve uma preocupação maior com a complexidade das personagens, impostas por uma necessidade mais acentuada de caracterização condizente com a realidade. Assim foi atencioso o olhar para a caracterização dos personagens, fazendo com que fossem constituídos em seres mais complexos, com inúmeros traços e nuances mais profundas de sua psique.

Contudo, percebemos que a figura da autora, mesmo tão prestigiada até os dias atuais, ainda se vê limitada a uma escritora de romances de amor e casamento. Este fator limitador, para Jameson, pode ser chamado de “estratégia de contenção” (termo que empresta de Lukács), quando aprendemos por interpretações prévias e hábitos de leitura já sedimentados. Como diz o próprio autor:

Em vez disso, o texto se nos apresenta como o “sempre-já-lido”, nós os apreendemos por meio de camadas sedimentadas de interpretações prévias, ou (...) por meio de hábitos de leitura sedimentados e categorias desenvolvidas pelas tradições interpretativas de que somos herdeiros (Jameson, 1992).

Logo, faz-se necessário uma leitura do texto literário em questão além das concepções limitadoras do patriarcado e tratar assuntos para além das estratégias de contenção presentes na obra. Para isso, por meio da leitura política, propõe-se que a caracterização das personagens Elinor e Marianne, sejam examinadas à luz do social internalizado na obra. Os estudos teóricos de Jameson (1992) cotejam a literatura como um ato socialmente simbólico, priorizando uma interpretação política dos textos literários, uma vez que os textos literários possuem ressonância social, história e/ou política.

Assim, destacamos o exímio trabalho de Jane Austen acerca de uma fiel e crítica representação da sociedade que circulava em sua época, e buscamos avançar nosso olhar sobre a autora, colocando seu texto em profundo debate com o social, ao realizarmos a leitura por meio de uma perspectiva política da obra, uma vez que contempla uma análise muito mais ampla e que converge com os objetivos da pesquisa em questão. Sobre esse caminho crítico, Terry Eagleton (2006) escreve:

Por ‘político’ entendo apenas a maneira pela qual organizamos conjuntamente nossa vida social, e as relações de poder que isso implica; e o que procurei mostrar ao longo do presente livro que é parte da história política e ideológica de nossa época (...) (Eagleton, 2006, p.294).

Por meio de uma interpretação dessa ordem, podemos captar assuntos periféricos à obra imperceptíveis à primeira vista de forma que compreendemos melhor o papel do texto literário em sociedade, estabelecendo relações entre fenômenos particulares e coletivos, Antonio Candido (2006), teórico brasileiro, corrobora com as concepções de Jameson, segundo o autor “Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição

da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (Candido, 2006, p. 13).

Logo, Candido discute a interligação de um dado externo e como este dado influencia diretamente na forma do texto, a fim de entender a internalização de um dado externo e como este dado influencia na forma da obra, propondo um novo modo de leitura. A partir deste olhar atento à forma, consegue-se compreender as complexidades tanto da obra quanto da sociedade em que foi relatada, enxergando suas contradições, questões e mudanças, ou seja, ao entender a literatura é possível também entender o processo social, tendo a arte como superestrutura da sociedade, pela ótica da crítica marxista.

Corroborando essa ideia, Schwarz (1997), ao comentar Dom Casmurro, escreve que: “O livro, assim, solicita três leituras sucessivas: uma, romanesca, (...); outra, de ânimo patriarcal e policial, (...), dado como indubitável; e a terceira, efetuada a contracorrente” (Scharwz, 1997, p. 85).

Logo, percebemos uma metodologia a ser seguida na interpretação deste texto como um ato socialmente simbólico, indo de encontro com as ideias de Jameson.

Para Jameson (1992):

Toda literatura, não importa com que intencionalidade, deve ser permeada por aquilo que chamamos de inconsciente político, que toda literatura deve ser lida como uma mediação simbólica sobre o destino da comunidade (Jameson, 1992, p. 64).

O teórico acrescenta:

“Reescritura do texto literário de tal forma que esse possa ser visto como reescritura ou reestruturação de um subtexto histórico ou ideológico anterior, sendo sempre entendido que esse subtexto não se faz imediatamente presente enquanto tal, não é realidade externa do senso comum, e nem mesmo as narrativas convencionais dos manuais

de história, mas tem sempre de ser (re)construído a partir do fato” (Jameson, 1992, p. 74).

Neste sentido, Ferreira (2018) argumenta que:

Não se trata de perceber e destacar elementos histórico-sociais no texto, em seu conteúdo e forma. Isto, de fato, é feito extensivamente no ato de interpretação da obra e vida de muitos autores. Aprender o “subtexto” de que trata Jameson é como ele mesmo aponta “uma postura mais extremada”; lida-se com a própria forma como conteúdo e com o desvendamento das estratégias de contenção inscritas no texto cultural. Implica, por conseguinte, em aceitar que o texto é produto de uma cultura, determinada historicamente, e lido e interpretado por códigos que, por sua vez, também podem e devem ser historicizados (Ferreira, 2018, p.14).

Para isto, Jameson propõe um método de análise para o alcance mais profundo de compreensão a respeito do texto literário, este contempla uma interpretação da obra a partir de três horizontes ou níveis de leitura. Essa proposta de leitura parte de uma primeira leitura estritamente centrada no texto, como uma expressão individual, compreendendo a obra essencialmente como um ato simbólico (JAMESON, 1992), atenta as contradições do texto a fim de serem melhor interpretadas ao avançarmos a leitura para um segundo horizonte, que se concentra na análise semântica da obra, ou seja, na ampliação do objeto literário em relação à ordem social, aderindo forma dos grandes coletivos de classe, fazendo com que o texto se torne mais do que uma expressão individual, percebendo seu diálogo com discursos coletivos, a saber, o de mulheres no período da Regência Inglesa. Por fim, o terceiro nível de leitura contempla uma nova perspectiva para o texto interpretado, é formado pelas mensagens simbólicas, traços de luta de classes e que para o autor é um ato simbólico, por meio do qual as reais contradições sociais, insuperáveis em si

mesmas, encontram uma resolução puramente formal no reino da estética.

Sobre a temática acerca da crítica feminista, destacamos os trabalhos de Sandra Gilbert e Susan Gubar em sua obra “The Madwoman in the Attic: The Woman writer in the Nineteenth Century Literary Imagination” que discute a tradição literária escrita por mulheres pelos séculos, explorando seus temas e desafios e quais são as imagens reproduzidas ao longo do tempo, que mesmo distante em diversos aspectos, apresenta certa coerência em comum, nos apresentando uma nova forma de interpretar o romance de autoria feminina. As autoras apontam o século XIX como um claro e definido espaço literário feminino cujo expunha a posição social onde as mulheres se encontravam como autoras e como leitoras, segundo elas: “Notamos que a literatura feminina pode ser explicada por um impulso comum de lutar para se libertar do confinamento social e literário por meio da redefinição do eu, da arte e da sociedade” (Gilbert, Gubar, 1979, p. 12).

Esta redefinição tornou-se o primeiro desafio enfrentado por essas mulheres autoras, uma vez que a ideia de criação estava estritamente ligada a propriedade, o autor como um pai de seu próprio texto, um dono das imagens presentes nele, fazendo a imagem feminina ser aprisionada a partir do que foi criado pela perspectiva masculina, logo, as mulheres precisavam reinventar a concepção de mulher prescrita anteriormente pelos homens, era necessário não apenas matar o anjo do lar, a figura virtuosa e pura, mas também a imagem demoníaca da mulher antiética e imoral, ou seja, o desafio era tornar estas figuras mais humanas, longe das amarras da submissão. Logo, é perceptível que as mulheres a partir do final do século XVIII não estavam apenas escrevendo, como também estavam revisando valores patriarcais severamente, apresentando uma tentativa de usar a pena com uma nova autoridade, sem reforçar estereótipos, transpassando os

obstáculos criados pelo patriarcado de forma consciente ou inconsciente e para isto ocorrer, recorriam ao recurso do palimpsesto:

Mulheres de Jane Austen e Mary Shelley a Emily Bronte e Emily Dickinson produziram obras literárias que são, em certo sentido, palimpsésticas, obras cujo a superfície oculta ou obscurece níveis mais profundos, menos acessíveis (e menos aceitáveis socialmente) de significado. Assim, essas autoras conseguiram a difícil tarefa de alcançar a verdadeira autoridade literária feminina ao confrontar e subverter os padrões literários patriarcais (Gilbert, GUBAR, 1979, p. 73).

Através desse novo passo dado pelas primeiras autoras mulheres, um novo paradigma se estabelecia na sociedade e por consequência, na literatura também, além disso algo se rompia com concepções anteriores advindas da ordem do patriarcado, novos papéis começavam a ser estabelecidos e novos diálogos estavam sendo propostos, de forma a possibilitar uma nova forma de literatura, esta agora de autoria feminina, cujo segundo as palavras de Virginia Woolf, se tornavam um ato revolucionário pelo ponto de vista crítico, anos depois:

Assim, para o término do século XVIII promoveu-se uma mudança que, se eu estivesse reescrevendo a história, descreveria, mas integralmente e eu consideraria de maior importância do que as Cruzadas ou a Guerra das Rosas. A mulher da classe média começou a escrever. (Woolf, 1985, p. 86)

Focalizando seus estudos nas obras de Jane Austen, as autoras apresentam o trabalho da escritora como uma descrição modesta de assuntos corriqueiros da vida, mas com um alto índice de crítica, que representava muito mais do que explícito. Contudo, incompreendida por certos críticos que pautados no julgamento masculino viam a autora e sua obra como triviais. Entretanto, Austen expunha um cotidiano conhecido e vivenciado por muitas

mulheres que as lia e da própria autora, mesmo escrevendo em moldes considerados patriarcais, Jane Austen avançava e tentava suprir o que não estava lá através de seu infalível conhecimento de seu próprio meio que lhe dava propriedade de ser tanto mulher quanto uma grande escritora.

Então, a partir da reunião de todos estes conceitos teóricos abordados anteriormente conseguimos partir para a análise proposta do romance de Jane Austen, atentos a todos os tópicos explanados nesta seção.

## Horizontes entre a Razão e a Sensibilidade

Ao partirmos para a análise proposta neste artigo, temos a primeiro nível de leitura o que concerne ao texto, o enredo em questão explorado pelo romance. Em *Razão e Sensibilidade*, é contada a história de duas irmãs, Elinor e Marianne Dashwood, duas jovens inglesas que, no início da narrativa, se encontram num processo de uma mudança de vida, causada pelo falecimento do pai e o anúncio de que a herança pertenceria ao meio-irmão – uma vez que a mulheres não era permitido herdarem as propriedades de seu progenitor, naquela época. As personagens são, de certa forma, convidadas a se retirarem da casa em que viveram toda a vida, para morar de favor com parentes distantes em uma cidade diferente e em uma casa muito menos cômoda do que suas antigas vidas, sendo obrigadas a frequentar novos círculos e se adaptarem a estes. A partir dessa complicação, a história se desenvolve, nos mostrando como as duas irmãs precisam lidar com as mudanças além de novos desafios e oportunidades em suas vidas.

Acerca da personalidade das irmãs, no primeiro capítulo, Jane Austen explica sobre as diferenças entre elas, como visto no trecho a seguir:

Elinor, a filha mais velha, cujo conselho foi tão eficiente, possuía uma força de entendimento e uma frieza de julgamento que a qualificavam,

embora tivesse apenas dezenove anos, para ser conselheira de sua mãe e lhe permitiam com frequência opor-se, para proveito de todos (...). Tinha um excelente coração, um temperamento afetuoso e sentimentos fortes, mas sabia como governá-los (Austen, p. 11).

O narrador acrescenta sobre a irmã mais nova:

As habilidades de Marianne eram, em muitos aspectos, bastante semelhantes às de Elinor. Era sensível e inteligente, mas intensa em tudo: suas angústias, suas alegrias não tinham limites. Era generosa, agradável e interessante. Era tudo menos prudente (Austen, p. 12).

Podemos perceber que Elinor, a irmã mais velha, é apresentada como uma figura sábia e completamente racional aos olhos de todos; Elinor é vista como uma mulher observadora e sempre relacionada a atitudes moderadas em relação a sua família. Pode-se dizer, num primeiro horizonte de leitura, que Elinor Dashwood tem total conhecimento de seu lugar enquanto mulher naquela sociedade. Marianne Dashwood, por outro lado, é uma jovem extremamente passional e apta a atitudes mais inconsequentes e consideradas românticas, neste caso vemos uma alma muito mais sensível e temperamental se contrapondo à personalidade mais sólida e contida de sua irmã e a de outras mulheres de seu convívio

Vamos conhecendo mais profundamente os sentimentos das personagens ao desenvolver da narrativa enquanto suas tramas vão ganhando complexidade, as irmãs Dashwood passam por vários momentos em que seus sentimentos são colocados a prova, desde a mudança para uma casa menos cômoda, com parentes distantes pouco civilizados até as primeiras decepções amorosas. Marianne confia seu coração ao jovem e galante Sr. Willoughby que acaba a rejeitando e se casando com outra pessoa considerada mais adequada a sua classe social, fazendo a moça quase morrer de amor devido ao profundo

desencanto. Elinor, também se encanta por alguém que se mostra indisponível no momento, o Sr. Edward Ferrars, irmão de sua cunhada, um rapaz de espírito e coração parecido com o de Elinor, mas que estava comprometido com a Srta. Lucy Steele previamente, fazendo Elinor - ao contrário da irmã - sentir a desilusão de forma particular e oculta aos olhos de todos em volta.

No entanto, é perceptível neste nível de leitura certa mudança sutil no comportamento das irmãs, ao ponto de no final da história, termos a impressão de equilíbrio: a razão de Elinor e a sensibilidade de Marianne ganha uma nova forma, resultando no casamento das duas; Elinor casa-se com Edward Ferrars após o mesmo abrir mão de sua herança e seguir a vida como pároco, e Marianne casa-se com Cel. Brandon, um homem que não chamava a sua atenção à primeira vista, mas que sempre foi imensamente prestativo com ela e sua família. Logo essa certa adequação ou conciliação pode ser vista por nós como uma contradição a ser explorada durante a interpretação do romance, avançando a mais um horizonte de leitura.

Este segundo horizonte de leitura leva em conta questões do patriarcado, as questões que a mulher daquela época tinha que enfrentar em sociedade e baseamos nas concepções da crítica literária feminista propostas por Gilbert e Gubar (1979) para a discussão. Para as autoras, Jane Austen trazia em suas obras suas maiores qualidades, a de ser uma ávida leitora e uma excepcional observadora de seu próprio meio que lhe proporciona análises profundas e minuciosas dos mecanismos da sociedade em que vivia, e muito destas qualidades foram transmitidas para suas protagonistas, apresentadas em diversos modelos, desconstruindo as figuras de heroínas lidas anteriormente. Cada heroína de Austen possui suas particularidades e por meio da descoberta do mundo além do âmbito privado são capazes de rever suas atitudes e amadurecerem como pessoas na sociedade, que para Gilbert e Gubar configura a ideia de que “Austen mantém

a esperança de que a maturidade possa trazer às mulheres uma autoconsciência como sujeita e objeto” (Gilbert, Gubar, 1979, p.162).

Outro fator importante nas obras de Austen, segundo as autoras, é a questão da viagem para seus romances, o movimento de deslocamento realizado pela mulher é de suma importância, configurando uma certa autoridade a elas que contribui para a construção deste amadurecimento enquanto mulher; o movimento da mulher da esfera privada para a esfera pública caracteriza novos papéis para a mulher na sociedade e quando ligamos essas mudanças ao romance escolhido, percebemos que o fator do deslocamento destas mulheres esteve presente desde o começo do enredo.

A família Dashwood tem sua vida mudada a partir de um deslocamento, a perda da figura paterna e mantenedora da família unida à mudança para uma casa menos confortável e longe de tudo que conheciam criou desafios às protagonistas, mas também lhe ofereceu oportunidades e mais do que isso, autoridade, pois no momento em que se fixaram em Barton Cottage seriam administradoras de sua própria casa, responsáveis umas pelas outras. Elinor, por exemplo, deixou de ser apenas uma conselheira sentimental de sua mãe, também começou a planejar ativamente sobre as decisões da casa e a administração do dinheiro. Percebemos o caráter positivo a situação a partir do trecho a seguir, o momento em que a família se estabelece na nova casa:

Quanto a casa em si, não há dúvidas que é pequena demais para nossa família, porém estaremos toleravelmente bem por enquanto, pois o ano já vai avançado demais para reformas. Talvez na primavera, se tiver dinheiro suficiente, como certeza eu terei, poderemos pensar em reformas (Austen, p. 36).

Além disso, não apenas a viagem para Barton Cottage foi um deslocamento responsável pelas mudanças acarretadas no comportamento

das irmãs Dashwood, quando se estabeleceram na nova moradia, a família entrou em contato ainda mais com a esfera pública, estabelecendo novas amizades e frequentando novos lugares, as irmãs chegam a conhecer a sociedade de Londres e várias famílias, fazendo este aprendizado ser constantemente processado. Ao conhecerem cada vez mais a sociedade em que estavam circunscritas, Elinor e Marianne Dashwood também vão descobrindo muito de si mesmas e repensando suas atitudes. Para Gilbert e Gubar(ANO), ao realizar isto, “Austen descreve como é possível que surja uma espécie de dialética da autoconsciência” (p.162) uma vez que estas mulheres protagonistas estavam ativamente participando deste processo de modificação, tendo a chance de ao se inserirem em novos meios, repensarem durante o desenvolvimento do romance acerca de suas próprias ações, Austen lhes fornece a chance de se enxergarem como ser individual e social, adquirindo novos papéis que caracterizavam não somente mudanças internas, mas exteriores a ela, dizendo muito acerca da mudança social ocorrida naquele momento, sendo suscetível de investigação no nível seguinte de leitura.

Também é necessário destacar a falta da presença masculina na casa de Barton Cottage e a responsabilidade financeira recaindo nas mãos dessas mulheres e com elas, todas as questões em respeito da reconstrução de uma família pós-luto, reinserção na sociedade e em um novo ciclo social, com mudanças que serão sentidas no interno e externo das personagens, as impulsionando à mudança.

Por fim, ao avançarmos ao terceiro horizonte de interpretação do romance em questão, percebemos que este movimento, que acarretou mudanças à mulher, lhes apresentando novos papéis, também configura uma mudança social. A mulher inglesa do período regencial estava ganhando novos espaços uma vez que sua sociedade estava em mudança e o romance consegue retratar de forma sutil, porém exemplar, tais alterações.

Primeiramente, ao situarmos o contexto social em que o romance é ambientado, a Inglaterra do Período Regencial, sendo este profundamente marcado por mudanças em vários aspectos como o social e o econômico. O dinheiro, o poder e a hegemonia cultural mudaram de mãos devido a ascensão da classe burguesa e a desvalorização da classe aristocrática, impulsionado pelas ideias do Iluminismo, sendo o gênero romance, um fator extremamente característico às mudanças do modo de produção uma vez que pode ser visto como uma resposta para tais. De acordo com Ian Watt:

O romance nasceu para mediar essas mudanças de atitudes e foi, em grande medida, capaz de conciliar no interior de uma forma (...) as narrativas e ideologias conflitantes que se sucederam no período de transição do idealismo romanesco e da ideologia aristocrática para a época moderna (Watt, 1956, p. 16).

Reafirmando tal posicionamento, Sandra Vasconcellos acrescenta:

A ascensão da burguesia, no entanto, provocando uma profunda transformação na vida inglesa, trouxe não apenas prosperidade, mas permitiu importantes mudanças nos costumes e na vida cotidiana de homens e mulheres...” (Vasconcellos, 2002, p.105).

Com as relações sociais passando por mudanças de paradigmas, tendo a ascensão da burguesia trazido novos olhares para inúmeros campos e dentre eles o literário, o gênero do romance (“novel”) ganhou destaque entre os leitores, retratando em suas páginas cada vez mais a vida privada do que a vida pública, algo de interesse da burguesia e também de interesse do público feminino, se vendo nesse novo local retratado pelos romances, e neste lugar, por consequência, fez com que as autoras mulheres comessem a encontrar seus espaços em uma sociedade em transformação:



Ademais, a autora acrescenta:

A escolha do romance como gênero literário parecia um caminho óbvio e inescapável. Era uma forma literária ainda em formação, sem convenções e formas rígidas, sem tradições ou raízes e, depois de Richardson, tratava do mundo da casa, da família e dos sentimentos. Um gênero feito sob medida para elas, por centrar-se sobre a vida das mulheres e os assuntos domésticos, experiências centrais para mulheres (Vasconcellos, 2002, p.108).

Aqui, nas determinações espaciais e temporais ocupam o cerne das relações das personagens com o mundo e a noção de tempo carrega dentro de si a possibilidade do aprendizado por meio da experiência, a chance de mudança, de amadurecimento. (Vasconcellos, 2002, p.40).

Assim, partindo destas colocações e do fato que Jane Austen é conhecida por sua visão aguçada e extremamente atenta de sua sociedade, percebemos que o romance traz consigo, algo não visto na superfície do texto literário, uma visão de personagens vivenciando grandes mudanças, sendo afetados por elas de certa forma e suas maneiras de lidar com todas elas. Vemos nelas um crescimento de caráter e conhecimento, como se o enredo do romance trouxesse um conhecimento interior a vida das personagens e que estas, no caso, Marianne e Elinor Dashwood, conseguem tirar aprendizados sobre os fatos ocorridos e seguirem suas vidas em harmonia com o seu redor. Sobre os personagens e a forma de lidarem com todas as modificações sociais impostas a eles, Sandra Vasconcellos discutirá como o gênero do romance concilia tais eventos:

Ao unirmos estas ideias ao romance de Austen, percebemos que este romance oferece às suas protagonistas chances de amadurecimento e de ajustarem-se aos novos modos de vida daquela sociedade. O certo equilíbrio de personalidade de Elinor e Marianne, presente no desfecho da história, pode ser visto neste nível como uma adequação a este novo espaço criado pelas mudanças dos modos de produção da sociedade inglesa do período regencial. Essas diferenças nas condutas das protagonistas conseguem ser vistas a partir de suas atitudes no final da história: primeiramente com Elinor, a irmã mais velha que assume seus sentimentos por Edward Ferrars e junto deles, seu sofrimento por não conseguir ter êxito imediato de um casamento com ele, por descobrir que o mesmo já era comprometido em segredo, até descobrir que o mesmo negou a herança da família e no final, Lucy Steele, sua noiva, acabou se casando com seu irmão mais novo, a quem a herança foi repassada. Diante desta situação final, Elinor não conseguiu conter seus sentimentos, como visto no trecho a seguir:

São personagens em busca de uma identidade social, baseada antes nas suas qualidades pessoais e intrínsecas que nas suas origens, ou seja, não mais na nobreza de nascimento e sangue, mas na nobreza de caráter e coração. São ainda personagens que têm que enfrentar o desafio de uma sociedade em mudança, (...) e forçam-nas a encarar um mundo onde os padrões já não são mais universalmente aceitos, o que as coloca, o mais das vezes, frente a frente com “conflitos entre ato e norma” e “problemas de ajustamento de conduta (Vasconcellos, 2002, p. 39).

Elinor não mais conseguiu permanecer ali sentada. Saiu quase correndo da sala, e assim que a porta se fechou, derreteu-se em lágrimas de alegria, que no começo pensou que jamais cessariam. Edward, (...), viu-a sair correndo e talvez tenha ouvido ou visto a sua emoção pois imediatamente caiu num devaneio... (Austen, 1811, p. 377).

Quanto a Marianne, a garota que todos viam as atitudes como “românticas”, visto sempre

ter se espelhado nas aventuras romanescas de seus livros favoritos e após um episódio onde a garota corre nos campos chuvosos de forma desolada por ter descoberto o casamento de seu pretendente e isto lhe resultou uma grave doença febril e uma tremenda preocupação a todos ao seu redor pois Marianne chegou a estar à beira da morte, a mudança resultou em uma modificação aparente de sua conduta, resultando em seu casamento com o Coronel Brandon, pretendente antes visto como enfadonho pela própria personagem por se tratar de um homem mais velho do que ela. O narrador relata o fato apresentando o contraste vivido entre a garota que há anos estava tentada a atitudes consideradas por todos como extremas, relatando seu ajustamento de conduta:

Marianne Dashwood nascera para um destino extraordinário. nascera para descobrir a falsidade de suas próprias opiniões e para contrariar com sua conduta suas máximas mais queridas. (...) Mas assim foi. Em vez de sacrificar-se a uma paixão irresistível, como, cheia de orgulho, esperava que a acontecesse (...); com o juízo mais calmo e sóbrio, decidira; viu-se aos dezenove anos entregando-se a novos afetos, assumindo novos deveres, estabelecida em um novo lar, como esposa, dona de casa e senhora de uma propriedade” (Austen, 1811, p. 397).

Assim, percebemos que o comportamento das protagonistas representa uma adequação que abrange a várias esferas, atendendo as novidades presentes naquele momento e suas ressonâncias, uma vez que esta nova sociedade apresentava novos perfis e papéis para aqueles que viviam nela, existindo a necessidade de reavaliação de certos conceitos de ordem pública e privada. Notamos a concentricidade entre os níveis de leitura propostos por Jameson, de forma que cada nível se engloba no outro, não são questões isoladas, existem um diálogo entre elas que avançam a fim de mostrar, ao final, segundo crítico, a real interpretação, figurada na luta de

classes, nas sequências de modo de produção e nas formas sociais e humanas.

## Considerações finais

Portanto, podemos concluir a partir dessa análise a existência de um constante diálogo entre o texto e o social, nem sempre de forma aparente, mas sempre atento às mudanças vividas pela época em que o texto foi produzido, sendo o gênero romance de extremo valor para entendermos e observarmos cada mecanismo da sociedade em questão e as formas que todos os avanços e alterações afetaram o modo de vida de sua população, que vêm entranhadas dialeticamente na estrutura do texto. Ademais, destacamos o trabalho atento de Jane Austen ao levantar tais questões com um alto grau de compreensão, mesmo que de forma velada, sendo de extrema importância o avanço nas pesquisas e interpretações da obra da autora a fim de reavaliar seu trabalho, não limitando, mas sim expandindo seu nome. Por fim, o romance em questão traz de forma sutil, na figura destas duas protagonistas complexas, a ideia de que a razão e a sensibilidade, em tempos de mudança, não conseguem ser vistas de forma separada, mas sim caminhando juntas de modo a compreender e continuar vivendo em sociedade.

## Referências bibliográficas

- AUSTEN, J. Razão e Sensibilidade. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora Martin Claret, 2010.
- CANDIDO, A. Personagem de ficção. São Paulo: Editora Perspectivas, 2005.
- CANDIDO, A. Literatura e Sociedade. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- EAGLETON, T. Teoria da Literatura: uma introdução. 6. ed. Tradução de Waltensir Dultra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FERREIRA, C. Leituras Norte-Sul: As perspectivas de si e do outro na obra de John Updike.

Paraná: Editora Unicentro, 2018.

GILBERT, S., GUBAR, S. *The Madwoman in the Attic: the woman writer in the Nineteenth Century literary imagination*. London: Yale University Press, 1979.

JAMESON, F. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. Tradução de Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 1992.

SCHWARZ, R. *Duas Meninas*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1997.

VASCONCELOS, S. G. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo, 2002.

WATT, I. *A ascensão do romance*. Tradução de Hildegard Feist. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1996.

WOOLF, V. *Um teto todo seu*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

**Submissão: abril de 2024**

**Aceite: agosto de 2024**